

Estudo sobre a formação ética dos estudantes de psicologia
Study on the ethical education of psychology students
Estudio sobre la formación ética de estudiantes de psicología

Recebido: 02/03/2020 | Revisado: 02/03/2020 | Aceito: 02/03/2020 | Publicado: 05/03/2020

Fabio Araujo Dias

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5659-1458>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: fabiodiaspsi@gmail.com

Sergio Rego

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0584-3707>

Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

E-mail: starego@gmail.com

Resumo

A ética se propõe a analisar os problemas morais que afetam o bem-estar e a qualidade de vida de humanos e não-humanos e seus ambientes. Para tal, busca refletir sobre valores e princípios norteadores da vida humana e das práticas profissionais. O objetivo do presente trabalho foi compreender o processo de formação ética de estudantes de psicologia de uma faculdade pública no estado do Rio de Janeiro. Para tal, realizamos entrevistas individuais, com um roteiro semiestruturado, com trinta alunos concluintes do curso de Psicologia (do oitavo ao décimo primeiro período do curso). Os dados foram analisados de acordo com a proposta de análise de conteúdo de Bardin. A maioria dos entrevistados considerou que ser ético no exercício profissional do psicólogo é “respeitar o outro”. Quanto aos valores que os entrevistados consideram importantes para a atividade profissional, a resposta mais recorrente foi “atitude de escuta / acolher sem julgamentos prévios”. Por fim, defende-se que a formação ética deve permear a formação acadêmica e profissional do estudante de psicologia, preferencialmente de forma também transversal, e ser promovida no debate entre professores, alunos e sociedade.

Palavras-chave: Ética; Moral; Ensino; Psicologia; Educação Superior; Ética Profissional.

Abstract

Ethics analyzes the moral problems that affect the well-being and quality of life of humans and non-humans and their environments. To this end, it seeks to reflect on values and guiding principles of human life and professional practices. The present work aimed to understand the process of ethical training of psychology students at a public college in the state of Rio de Janeiro. To this propose, we conducted individual interviews, with a semi-structured script, with thirty students completing the Psychology course (from the eighth to the eleventh period). We analyzed the data according to Bardin's content analysis proposal. Most of the interviewees considered that to be ethical in the professional practice means "to respect the other". The most recurrent response explaining the values that the interviewees consider essential for their professional activity was "listening / welcoming attitude without prior judgments". Finally, we argue that ethical training should permeate the academic and professional training of the psychology student, preferably also in a transversal way, and be promoting the debate between teachers, students and society.

Keywords: Ethics; Morale; Teaching; Psychology; Higher Education; Professional Ethics.

Resumen

La ética propone analizar los problemas morales que afectan el bienestar y la calidad de vida de los humanos y no humanos y sus entornos. Con este fin, busca reflexionar sobre valores y principios rectores de la vida humana y las prácticas profesionales. El objetivo del presente trabajo fue comprender el proceso de capacitación ética de los estudiantes de psicología en una universidad pública en el estado de Río de Janeiro. Con este fin, realizamos entrevistas individuales, con un guión semiestructurado, con treinta estudiantes que completaron el curso de Psicología (del octavo al undécimo período del curso). Los datos se analizaron de acuerdo con la propuesta de análisis de contenido de Bardin. La mayoría de los entrevistados considera que ser ético en la práctica profesional del psicólogo es "respetar al otro". En cuanto a los valores que los entrevistados consideran importantes para su actividad profesional, la respuesta más recurrente fue "actitud de escucha / bienvenida sin juicios previos". Finalmente, se argumenta que la formación ética debe impregnar la formación académica y profesional del estudiante de psicología, preferiblemente también de manera transversal, y debe promoverse en el debate entre docentes, estudiantes y la sociedad.

Palabras clave: Ética; Moraleja; Enseñanza; Psicología; Educación universitaria; Ética profesional.

1. Introdução

A ética e a moral têm sido discutidas na sociedade moderna, e essa discussão se faz pertinente diante da complexidade dos diversos fenômenos que envolvem as ações e intervenções humanas na sociedade e meio ambiente, nas suas variadas dimensões – cultural, social, econômica, política, ecológica, etc. A ética aponta para a reflexão sobre valores e princípios norteadores da vida humana e das práticas profissionais, e permeia diversos debates acadêmicos e sociais. As questões éticas e morais abarcam o exercício das profissões, a realização de pesquisas com seres humanos, animais, e meio ambiente. No campo amplo da saúde, a formação ética torna-se fundamental para a atuação profissional das diversas áreas deste campo, tais como medicina, nutrição, farmácia, enfermagem, educação física, musicoterapia, saúde coletiva, biomedicina, terapia ocupacional, fisioterapia, psicologia, odontologia, fonoaudiologia, dentre outras.

O presente trabalho objetivou compreender o processo de formação ética de estudantes de psicologia de uma universidade pública brasileira situada no Estado do Rio de Janeiro. Com isso, a fim de dar voz aos estudantes para que expressem suas vivências e compreensões acerca desta formação, trinta alunos concluintes do curso de Psicologia (oitavo ao décimo primeiro período) foram entrevistados individualmente tendo como base um roteiro semiestruturado. Defende-se que a ética é o fundamento para a formação acadêmica e profissional do estudante de psicologia e do psicólogo, e é promovida no debate entre professor, aluno e sociedade.

É importante salientar que a formação ética de uma pessoa não se restringe ao ambiente acadêmico, tampouco a uma disciplina curricular específica. Contudo, este ambiente se constitui como espaço privilegiado para as discussões éticas, sobretudo no que tange ao exercício da profissão escolhida pelo estudante.

A Psicologia enquanto campo de saberes, deve ter como ponto central a discussão ética justamente por se ocupar eminentemente do estudo do comportamento individual e social, e fenômenos da mente humana¹. O psicólogo, em sua atuação, depara-se com questões sensíveis e singulares que abarcam a existência e incluem o sofrimento humano. Nesse sentido, é fundamental que o estudante de psicologia tenha em sua formação uma base ética

¹ Psicologia enquanto estudo do comportamento e fenômenos da mente humana é uma definição tradicional deste campo do saber. Esta conceituação é problematizada atualmente no âmbito do próprio campo da Psicologia, considerando as diversas vertentes, escopos de estudo e aspectos epistemológicos que abarcam este campo. Não serão abordadas as diversas possibilidades conceituais da Psicologia tendo em vista o objetivo central proposto no presente trabalho – formação ética do psicólogo.

substancial a partir das interações possíveis durante o curso – o que inclui possibilidades de leituras, participação em eventos, debates, conversas com colegas, professores, supervisores, e outros profissionais.

Há que se fazer menção que a Psicologia está atrelada ao campo social, afinal o ser humano se caracteriza como ser gregário e possui sua existência marcada por estabelecer relações com outros. O presente trabalho defende, com base em Peloso e Ferraz (2005), que o espaço psicossocial se constitui do ser humano e de suas conexões culturais, sociais, econômicas, linguísticas. É esse espaço, a partir de uma prática cotidiana, que permite a recriação da subjetividade e, por conseguinte, um movimento ético. Não há, portanto, a possibilidade de se discutir ética e moral sem uma implicação que envolva a produção humana e a complexidade das suas dimensões fisiológicas, psicológicas, culturais, sociais, políticas, históricas, etc.

O campo da Psicologia, portanto, deve incluir a ética como assunto de interesse em seu cerne. É importante lembrar que a Ética se configura como um campo específico do saber humano. Goldim (2009) caracteriza o surgimento da ética como uma estratégia humana de organização do pensamento sobre a adequação de viver no âmbito coletivo. Com isso, historicamente foi ganhando forma um campo de estudo que busca tratar da convivência humana frente a seus desafios epistemológicos, morais, culturais, sociais, ambientais. Pode-se dizer que o objetivo da Ética, enquanto campo do saber sistematizado e crítico, é refletir sobre as intuições morais, procurando os fundamentos pelos quais as pessoas realizam suas escolhas morais.

Os temas suscitados na discussão ética – como justiça social, direitos humanos, conciliação da conduta pessoal e do bem-estar coletivo, ponderação entre autoafirmação pessoal e cooperação pacífica – não perderam nada de sua atualidade (Bauman, 1997).

As considerações sobre ética são pertinentes em todos os campos de conhecimento, e, em especial, na área da saúde, que aponta para o estudo do fenômeno humano em sua diversidade no que diz respeito ao comportamento, modo de existir, sofrer, pensar, agir, lidar com questões do cotidiano, ao processo de envelhecimento que inclui a relação saúde-doença na existência. Endossando a relevância da ética na contemporaneidade, Cullen (1999), como citado em Goergen (2001, p. 160), defende que “nunca, como hoje, se falou de ética. Em todos os campos da atividade social, em todos os tipos de discursos possíveis”.

Discutir sobre ética e assuntos relacionados a essa temática constitui um desafio, ainda mais considerando que, na atualidade – isto é, na modernidade e pós-modernidade, como

definem alguns autores² –, as incertezas, novidades e complexidades estão cada vez mais presentes e evidentes na sociedade.

O pensamento e a prática morais da Modernidade acreditam na possibilidade de um código de ética não-ambivalente e não-aporético³. Já a Pós-Modernidade é marcada pela descrença dessa possibilidade. Diante disso, Bauman (1997) aponta uma moralidade pós-moderna ambivalente e aporética, e um “eu moral” amparado pela autonomia e liberdade, pelo direito de ser e permanecer diferente conforme suas escolhas.

Os tempos atuais são caracterizados como conturbados, com a presença do individualismo exacerbado, de ameaças globais ecológicas e militares, de intolerância em diversas esferas da sociedade. Este “individualismo exacerbado” relaciona-se, em grande medida, a uma sociedade que cultua o consumo e o imediatismo em detrimento das relações duradouras e profundas; sociedade que endossa a destruição do ecossistema em prol da produção de bens de consumo tão caros para a economia capitalista global; sociedade na qual as relações frágeis de poder tornam a guerra meio de movimentar o capital e expandir o domínio exploratório das relações do mercado globalizado; sociedade que fomenta o status da aparência propagandeada pela posse de bens e hegemonização de um modo de vida “bem sucedida” e torna o diferente e as minorias alvos de intolerância ou indiferença. Esta realidade torna ainda mais necessária a formação dos profissionais de saúde que considere o contexto sociocultural em que se insere e instigue a educação de pessoas comprometidas com “o respeito para com o outro, abertos ao diálogo, tolerantes com os diferentes e capazes de tomar decisões com o uso crítico da razão” (Rego, Palácios & Schramm, 2004, p. 167).

Defende-se no presente trabalho uma ética baseada em princípios fundamentais. Uma ética relativista radical pode justificar ou tolerar ações claramente injustas, com propósitos espúrios. Pode permitir critérios diferenciados conforme a conveniência e flexibilizar padrões humanamente inaceitáveis. Um exemplo que pode ser citado para este tipo de ética é a prática de pesquisas, há alguns anos, em países chamados “em desenvolvimento”, que visava a estudar a prevenção da transmissão vertical do vírus HIV de mães grávidas para seus filhos, com o uso de grupos-controle tratados com placebo. Outro exemplo é o caso em que foram feitos estudos, iniciados em 1932, sobre a sífilis com cidadãos negros norte-americanos (Garrafa & Prado, 2001).

² Diversos autores estudam questões relacionadas ao modernismo ou pós-modernismo, dentre os quais: Zygmunt Bauman, Jean-François Lyotard, David Harvey, Michel Foucault, Jürgen Habermas.

³ “aporia” significa contradição ou conflito, um problema não-solucionável.

Já uma ética absolutista pode engessar uma discussão democrática e endossar a opressão e intolerância pelas diferenças no âmbito social, cultural, político, epistemológico. Pode-se citar como exemplo a Igreja Romana, na Idade Média, que perseguia todos os que contrariavam, mesmo que minimamente, as ideias estabelecidas por ela.

Conforme já salientado, o objetivo do presente trabalho foi compreender o processo de formação ética de estudantes de psicologia de uma universidade pública no estado do Rio de Janeiro. Portanto, à luz desse objetivo central, serão apresentados a seguir: o método, os resultados e discussão, e as considerações finais referentes à pesquisa realizada.

2. Método

Trata-se de um recorte da dissertação intitulada “Ética, moral e processos de subjetivação: um estudo sobre a formação em psicologia” defendida em 2018 no Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva. Para elaboração do presente trabalho, realizou-se inicialmente, em 2016, pesquisa bibliográfica exploratória por meio de textos acadêmicos, livros, jornais, bibliotecas eletrônicas e base de dados em publicações científicas – repositórios e indexadores (BVS, periódicos CAPES, PubMed), e busca complementar no site do Google Scholar (Google Acadêmico) e sites de livrarias para localizar possíveis livros que tratam dos temas abordados nesta pesquisa.

Realizou-se uma pesquisa não experimental e com método qualitativo, tendo como objetivo central analisar a compreensão do estudante de psicologia sobre o que é ser ético no exercício profissional da psicologia. Para tanto, escolheu-se uma universidade pública situada em Niterói-RJ.

As entrevistas individuais foram tidas como instrumentos da presente pesquisa e serviram como base para discussão neste trabalho conforme os objetivos propostos. O roteiro semiestruturado foi considerado como norte para realização das entrevistas. Foi adotado o roteiro do tipo semiestruturado por permitir ao entrevistado um discurso mais livre, desejável para uma pesquisa qualitativa e atingimento do objetivo proposto. Minayo (2014; p. 189) define *roteiro de entrevista* como “uma lista de temas que desdobram os indicadores qualitativos de uma investigação”. É um guia, que deve ser elaborado e usado para facilitar a emergência de novos temas durante o trabalho de campo, provocados por seu questionamento.

Limitou-se a pesquisa aos estudantes de psicologia de uma universidade pública situada na cidade de Niterói-RJ, não incluindo estudantes de outras universidades, diante da exiguidade do tempo disponível e por se considerar que esta proposta de pesquisa atingiria os

objetivos definidos para este trabalho. Outra limitação desta pesquisa é a dificuldade de mensurar até que ponto o fato de o pesquisador ser profissional na mesma instituição de formação dos entrevistados influenciou as respostas destes. Ainda assim, considera-se que os objetivos propostos foram alcançados neste estudo.

As entrevistas foram realizadas conforme a viabilidade e disponibilidade dos estudantes de psicologia da universidade. Foram realizadas visitas ao Instituto de Psicologia da universidade para efetivação das entrevistas e esclarecimento da sua finalidade, tendo a anuência prévia da coordenação do curso. O fechamento amostral teve como critérios a saturação teórica, a disponibilidade e voluntariedade dos convidados para realização da entrevista nos meses de novembro e dezembro de 2017 (muitos se formaram no fim deste ano). Fontanella, Ricas e Turato (2008, p. 17) definem que o fechamento amostral por saturação teórica ocorre pela “suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição”, não havendo, portanto, necessidade de persistir na coleta de dados. Considera-se que, havendo saturação, os dados obtidos são suficientes para a reflexão teórica pautada nos objetivos propostos da pesquisa. Não há pretensão de esgotar todas as possibilidades de compreensão do objeto da pesquisa, mas sim a intenção de realizar uma aproximação deste objeto e de evidenciar sua complexidade (Minayo, 2017).

A abordagem do público alvo foi realizada por meio de convite direto e os participantes foram informados e orientados sobre a finalidade da pesquisa. O convite foi feito durante um tempo concedido pelos professores/supervisores durante aulas de supervisão de estágio. Os estudantes voluntários repassaram seus dados de contato para posterior agendamento das entrevistas. Houve também a colaboração de estudantes que indicaram outros colegas para a entrevista. Alguns estudantes foram abordados nos corredores do prédio do curso de Psicologia, e estando dentro dos critérios de público alvo da pesquisa, foram convidados para serem entrevistados. Dos quarenta estudantes abordados dentro dos critérios de público alvo, cinco não demonstraram interesse em participar, e cinco inicialmente forneceram seus dados de contato, porém não retornaram o convite realizado por e-mail ou telefone.

Considerou-se o quantitativo alcançado de trinta estudantes e a distribuição por sexo (vinte e cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino) como uma proporção que se aproxima da representatividade do curso. As trinta entrevistas foram consideradas satisfatórias para representar as opiniões e temas recorrentes relacionados ao curso de Psicologia.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise e categorização dos dados, que foram submetidos à análise de conteúdo. A análise de conteúdo define-se por um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos diversos. É particularmente utilizada para estudar material de tipo qualitativo (Richardson, 2014).

A categorização foi elaborada conforme os discursos produzidos pelos entrevistados, em termos de agrupamento dos temas e falas similares a fim de facilitar a interpretação e visualização dos tópicos abordados. A interpretação dos dados obtidos foi efetivada para possibilitar uma conexão entre as discussões dos resultados auferidos frente aos objetivos da pesquisa.

A presente pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil e obteve aprovação dos Comitês de Ética da ENSP/Fiocruz em agosto/2017 e UFF em setembro/2017, com os certificados⁴ respectivos: 71271217.4.0000.5240 e 71271217.4.3001.5243. Após as citadas aprovações, as entrevistas individuais foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2017.

3. Resultados e discussão

Nos meses de novembro e dezembro de 2017, o autor deste trabalho entrevistou, na cidade de Niterói, trinta estudantes universitários de psicologia de uma universidade pública situada na cidade de Niterói-RJ, de ambos os sexos, com idades entre 21 e 44 anos, tendo como foco os estudantes concluintes (80% do curso concluído). A amostra foi composta por 25 estudantes do sexo feminino (83%) e 5 do sexo masculino (17%), e a média das idades foi equivalente a 24,1 anos. A entrada dos estudantes na universidade ocorreu entre os anos 2011 e 2014, tendo como ano mais recorrente 2013. Foram entrevistados estudantes entre o oitavo e décimo-primeiro período, tendo como maior recorrência estudantes do décimo período.

A maioria dos entrevistados é do sexo feminino (83%)⁵ sendo que, no Campus Niterói da universidade, o curso de Psicologia as estudantes do sexo feminino representam 72,6% do

⁴ CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética.

⁵ Uma pesquisa realizada em 2013 no âmbito nacional indica que 88% dos profissionais de Psicologia em exercício são do sexo feminino. Para maiores detalhes: < https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Quem_e_a_Psicologa_brasileira.pdf>.

conjunto⁶. As idades dos trinta entrevistados variam de 21 a 44 anos, tendo como média 24 anos. No curso de Psicologia (campus Niterói) a maior frequência está na faixa etária de 20 a 23 anos (44,7%), seguido da de 24 a 27 anos (25,5%)⁷. A maioria dos estudantes entrou no curso em 2013 (63%), seguida por 2014 (27%), 2012 (7%) e 2011 (3%). O período em que os estudantes estão cursando apresentou predominância no 10º (53%), seguido por 8º e 9º (20% cada), e 11º (7%). A maioria dos participantes (16 de 30, 53%) informou que tem experiência de estágio no SPA (Serviço de Psicologia Aplicada), seguida da Saúde Mental (37%) e Hospital Universitário (20%), o que indica que a maior parte dos entrevistados referencia as práticas do estagiário de psicologia ao atendimento clínico⁸.

O estabelecimento do SPA no curso de Psicologia é previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia⁹ - Resolução nº 5, de 15 de março de 2011, no Art. 25:

O projeto de curso deve prever a instalação de um Serviço de Psicologia com as funções de responder às exigências para a formação do psicólogo, congruente com as competências que o curso objetiva desenvolver no aluno e as demandas de serviço psicológico da comunidade na qual está inserido.

A primeira pergunta realizada aos entrevistados foi: “O que é ser ético no exercício profissional para você?”. A resposta predominante foi “respeitar o outro”, seguida de “sigilo” e “pensar no bem-estar do paciente / tratar bem o paciente”.

O exercício profissional pautado no respeito ao outro aponta para uma postura ética fundamental na atividade do psicólogo. Para tanto, é imprescindível que o curso de Psicologia instigue a educação de pessoas comprometidas com respeito ao outro nas suas diferenças e idiossincrasias.

A psicologia clínica está atrelada à ética. Esta aponta para o compromisso com o respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana. O psicólogo clínico deve acolher o paciente (ou cliente) e assumir uma posição ética de respeito ao outro, sem críticas e rotulações – concordando com as respostas “respeitar o outro”, “postura sem imposição de

⁶ Dados obtidos no Sistema Acadêmico de Graduação da universidade. Acesso em 12/06/2018.

⁷ Dados obtidos no Sistema Acadêmico de Graduação da universidade. Acesso em 12/06/2018.

⁸ O atendimento clínico individual é predominante. Também há terapia de grupo no SPA. A prática de grupo vem crescendo.

⁹ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&Itemid=30192>, Acessado em 22/03/2018.

ideias ao outro” e “agir conforme seus princípios / sem preconceitos”. Essa postura diz respeito a uma atitude de abertura do psicólogo para a compreensão e ressignificação do conteúdo trazido pelo paciente a fim de que este possa seguir seu caminho de forma mais livre e saudável, tendo a intervenção profissional no atendimento psicológico como possibilidade de apoio nesse processo (Passos, 2007).

É importante salientar que não há como desatrelar “respeitar o outro” e “respeitar a si”. Respeitar-se na condição de psicólogo concorda mais diretamente com a resposta “respeitar seus limites no atendimento ao outro / trabalhar dentro do limite do que é o seu trabalho”. Nesse sentido, o psicólogo deve respeitar suas condições singulares de existência e saber quais são os seus limites. Não tendo condições ou não estando capacitado para um atendimento, ele deve encaminhar o atendimento a um colega. Essa conduta aponta para uma postura ética do psicoterapeuta a partir de uma legítima preocupação em buscar o melhor atendimento para aquela pessoa. O processo psicoterapêutico vai além da aplicação de técnicas aprendidas, exigindo, sobretudo, o reconhecimento da singularidade e das diferenças de cada pessoa e compreender esta no seu contexto (Ludwig, Redivo, Jorge & Müller, 2007).

Outra resposta que teve menção significativa foi “sigilo”. De fato, o sigilo é essencial para o atendimento psicológico e marca o vínculo necessário de confiança na relação terapêutica em prol do paciente. Embora o sigilo seja ponto importante na postura ética do psicólogo, “ser ético” não se resume à assunção do sigilo profissional previsto no Código de Ética. Ainda assim, com fins de contextualizar este assunto, o Código de Ética Profissional do Psicólogo¹⁰, quanto ao sigilo, prevê o seguinte:

Art. 9º – É dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional.

Art. 10 – Nas situações em que se configure conflito entre as exigências decorrentes do disposto no Art. 9º e as afirmações dos princípios fundamentais deste Código, excetuando-se os casos previstos em lei, o psicólogo poderá decidir pela quebra de sigilo, baseando sua decisão na busca do menor prejuízo.

Parágrafo único – Em caso de quebra do sigilo previsto no caput deste artigo, o psicólogo deverá restringir-se a prestar as informações estritamente necessárias.

O sigilo é um aspecto normativo do exercício profissional, contudo, considerando que ser ético aponta para a reflexão da moral, é importante que o psicólogo reflita sobre o sentido do sigilo para ele e considere este aspecto frente às especificidades de cada caso que se

¹⁰ Disponível em <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia-1.pdf>>, acessado em 20/12/2016. Versão vigente do código de ética datada de agosto de 2005.

apresenta. A postura desejável do psicólogo no exercício da sua profissão é que este assuma uma ação zelosa e cuidadosa, sigilo, competência, e uma formação continuada, para que haja sempre atualização e aperfeiçoamento em suas atividades. Para tanto, ele deve ter um senso crítico e uma postura humilde, de quem assume que não é “dono da verdade”, que o seu conhecimento é relativo e que saiba que há sempre a possibilidade de ensinar e/ou aprender. Além disso, fundamentalmente sua ação profissional reverte-se em benefício para a sociedade (Passos, 2007).

Outra resposta levantada por alguns entrevistados foi “pensar no bem-estar do paciente / tratar bem o paciente”. Esta resposta aponta para a beneficência, ou seja, provocar o bem, maximizar os benefícios e minimizar os possíveis riscos. Para tanto, é necessário que os psicólogos se abstenham de prejudicar os outros e, sobretudo, façam o bem ao próximo e promovam o seu bem-estar (Toninato & Rossi, 2005).

Três pessoas entrevistadas atrelam “ser ético” ao estrito cumprimento do código de ética profissional do Psicólogo e três entrevistados apontam para a reflexão desse código deontológico sem a necessidade de segui-lo ao pé da letra.

Ainda há uma associação considerável entre “ser ético” e “código de ética”. Cabe salientar que não são sinônimos. A ética enquanto reflexão da moral e normas deve contemplar o código deontológico como objeto de reflexão crítica, mas uma postura ética não deve se restringir ao cumprimento de um código normativo. “Seguir ao pé da letra” um código pode ser prejudicial à pessoa atendida num dado contexto.

Códigos de Ética expressam normas que devem ser seguidas pelos profissionais de determinada área. Esses códigos deontológicos tem sua importância na medida em que integram a oficialização e reconhecimento social das profissões e permitem uma reflexão do próprio exercício profissional. É bom lembrar que as profissões são engendradas por pessoas em seus contextos políticos, históricos, sociais e culturais. Com isso, as profissões transformam-se e isso exige uma reflexão contínua sobre o próprio código de ética que baliza determinada profissão (Romero, 2006).

Conforme já foi exposto, a ética, quando entendida como uma atitude reflexiva sobre a ação moral, indica que esta postura ética não está restrita ao aspecto moral da normatividade prescrita. O ser ético pressupõe uma reflexão crítica sobre as normas morais vigentes. É a postura ética que permite a coexistência de valores que podem diferir (valores do profissional de saúde e valores da pessoa atendida), pois o respeito permeia as relações nas quais há a reflexão crítica sobre a moral (Medeiros, 2002).

A segunda pergunta realizada aos entrevistados foi: “Para você, quais valores são importantes para a atividade profissional ou de estágio?”. A resposta mais recorrente foi “Atitude de escuta / acolher sem julgamentos prévios”, seguida de “atenção/disponibilidade para o outro (aprender com o outro, estar com o outro, cuidar do outro)” e “respeito ao outro”.

No que tange aos valores morais que devem servir de norte para a atuação do estagiário em psicologia e do psicólogo, a arte clínica de cuidar do outro deve ser tida como eixo central do atendimento psicológico. Este cuidado deve estar pautado num acolhimento sem preconceitos em relação à pessoa atendida para que haja a possibilidade de compreender o outro no seu modo peculiar de existência.

Em termos de valores (ou princípios), a maior parte das respostas dos entrevistados apontou para a atitude de escuta ou acolhimento sem julgamentos prévios. Ferreira Neto e Penna (2006) salientam que a sociedade espera do psicólogo, em qualquer área que este trabalhe, uma “habilidade” clínica, isto é, certa sensibilidade ou capacidade de “escuta”, que é, em geral, enfatizada na formação clínica. E isto ocorre mesmo quando a prática de psicoterapia esteja distante das funções exercidas num dado contexto. Diante desta realidade, os autores propõem que a dimensão ética da clínica psicológica deve necessariamente estar presente tanto nos currículos como nas Diretrizes Curriculares propostas pelo Ministério da Educação.

É interessante ressaltar que a percepção das pessoas entrevistadas quanto aos valores importantes para a atividade profissional ou de estágio – atitude de escuta / acolher sem julgamentos prévio – reforça a relevância de uma formação em psicologia que considere o viés clínico-político da atividade do psicólogo ou estagiário.

O psicólogo clínico deve ter uma postura de acolhimento em relação à pessoa atendida. Isso aponta para uma maneira de sentir e pensar que acolhe a vida em sua contínua processualidade e transformação (Andrade & Morato, 2004).

A “atenção/disponibilidade para o outro (aprender com o outro, estar com o outro, cuidar do outro)” também é relevante para o processo psicoterapêutico. Sapienza (2004) expõe que o trabalho do psicoterapeuta exige uma postura ética, visto que lida com os sentimentos e confidências do paciente. Portanto a postura de estar disponível, com a devida atenção e sensibilidade no atendimento psicológico é essencial para o processo psicoterapêutico e construção do vínculo com o paciente. Este vínculo se estabelece pela relação de confiança depositada no psicólogo. Isso aponta para o compromisso necessário do psicólogo na sua atividade profissional na tratativa com o outro.

A resposta “atualização profissional (aparato teórico, cursos formais e questões atuais - minorias, política, direitos humanos, etc.)” indica uma preocupação no preparo e competência para atuar enquanto profissional (ou estagiário).

O psicólogo deve se preocupar com sua formação continuada, no sentido de constantemente procurar atualização e aperfeiçoamento em suas atividades. Para tanto, ele deve cultivar um senso crítico e uma postura humilde, de quem assume que há sempre possibilidade de aprender e articular novos conhecimentos em benefício da pessoa atendida e da sociedade (Passos, 2007).

O “respeito ao outro” também teve menção significativa e concorda com a resposta mais recorrente da primeira pergunta realizada aos entrevistados. O respeito ao outro como semelhante deve ser valor norteador na atividade profissional ou de estágio em psicologia.

4. Considerações Finais

A Psicologia enquanto ciência surgiu a partir dos estudos de Wundt no século XIX na Alemanha. Outros estudiosos se interessaram pelos experimentos em psicofísica e temas relacionados aos fenômenos da mente humana e ampliaram os estudos na área, desenvolvendo novos métodos e teorias. No Brasil, a Psicologia enquanto profissão foi regulamentada em 1962, no dia 27 de agosto. O “dia do psicólogo” no Brasil é comemorado todo ano nesta data desde então. A Psicologia como ciência e profissão se constitui como um campo do saber e atuação profissional que traz suas marcas históricas e constantes desafios em termos de desenvolvimento do campo por meio de pesquisas, problematização das diversas teorias, métodos e práticas, e produção de novos saberes. Um desafio apresentado no presente trabalho foi a formação ética do psicólogo, que se evidencia cada vez mais como necessária e relevante para a atuação profissional no contexto pós-moderno atual.

A moral relaciona-se a princípios norteadores consubstanciados em ações no mundo. Já as normas servem fundamentalmente para garantir a ordem social. Elas representam a consolidação ou legitimação da moral socialmente aceita. E isto se traduz em leis que devem ser seguidas para que não haja punição e que objetivam a melhor convivência social, ou a prevalência do interesse coletivo frente à conveniência individual.

Neste âmbito, encontra-se a Deontologia, que está relacionada à conduta profissional e pauta a elaboração dos códigos de ética profissional. Estes contêm princípios normativos e regulam as categorias profissionais reconhecidas na sociedade.

A formação ética pressupõe que a moral não é algo pronto, estável, mas é construída

diariamente pelas vivências e experiências de cada indivíduo. O ser humano é um sujeito em construção e um ser no mundo. Há a possibilidade de uma postura ética construída pela reflexão moral instigada pela interação entre professores, estudantes e sociedade. Faz-se necessário o desenvolvimento de uma consciência moral – forjada pelas interações sociais e pelo contexto histórico-cultural – na qual o indivíduo não se limita a perceber-se a si mesmo, mas percebe e considera os outros como semelhantes.

A formação ética abarca o desenvolvimento da competência em ética e o desenvolvimento da competência moral. O desenvolvimento da competência em ética está relacionado ao ensino da ética e à habilidade de utilizar o conhecimento teórico e epistemológico deste campo do saber, não se restringindo aos códigos deontológicos. O desenvolvimento da competência moral tem como estratégia educativa a educação moral com fins de desenvolver pessoas que, na tomada de decisões morais, sejam capazes de emitirem juízos morais e agirem de acordo com tais juízos.

É desejável a discussão ética desde o início da formação acadêmica a fim de que os estudantes possam construir, num processo reflexivo e dialético, uma postura ética consciente de si e do mundo, e desenvolvam competência moral frente aos conflitos morais que possam surgir no cotidiano. A formação ética dos estudantes tem a possibilidade de permitir, a partir de uma construção dialógica e argumentativa, a consolidação de atitudes que respeitem os princípios mínimos da convivência humana e a ampliação de uma visão mais complexa e crítica do mundo para melhor lidar com as questões e escolhas que surgem ao longo da vida.

A introdução do estudante num ambiente de reflexão moral deve buscar um caminho para uma vida responsável e consciente de si e do mundo. Nesse sentido, a formação do aluno deve objetivar a conscientização destes para uma possível transformação da sociedade em uma sociedade mais digna e justa para todos. Para tanto, esta formação deve adotar um procedimento argumentativo/dialógico.

Em termos de formação acadêmica, a universidade deve endossar a interação dialógica e comprometida entre os alunos, profissionais, professores e sociedade. Deve ser um espaço propício para o debate de conflitos morais que podem surgir no cotidiano dos estudantes. Deve incitar os conflitos cognitivos para o desenvolvimento moral por meio de um processo dialógico e crítico-reflexivo em prol da formação da consciência moral autônoma do aluno.

A universidade assume uma função política e educativa relacionada ao desenvolvimento técnico-científico, acadêmico e profissional dos estudantes. A universidade deve ser um ambiente democrático, de construção coletiva de saberes, de formação de estudantes que desenvolvem pensamento crítico-reflexivo acerca das suas atividades e na

relação com o mundo e com as pessoas. Nesse âmbito, o docente tem papel importante no processo educativo por meio do ensino e interação com os alunos.

O profissional da área da psicologia deve assumir uma postura crítica, inventiva, respeitosa, tolerante, compreensiva e acolhedora, que combate o preconceito, a alienação, a mentira, a opressão e a estigmatização do outro; uma ética madura, solidária e cidadã, que inclui a dimensão técnica da atividade profissional, porém não se limita a ela.

Torna-se um desafio na sociedade atual a defesa e construção de uma ética compromissada com o bem do outro, com a inclusão social e a transformação, conscientização e emancipação de vidas. Uma ética que valoriza a vida e a integração pacífica e solidária entre os seres humanos, que considere a promoção de mudanças positivas no cenário social.

Defende-se que conceitos tais como autonomia pessoal, responsabilidade, solidariedade social, respeito à diferença, dignidade da vida humana, democracia e cidadania representam um norte que deve alicerçar um horizonte ético plausível e estar presente no exercício profissional do psicólogo.

Quanto à realização de outros estudos acerca da formação ética do psicólogo, sugerem-se algumas possibilidades: (a) interinstitucional – comparar estudantes de psicologia de duas ou mais universidades; (b) vertical – comparar estudantes de diferentes períodos do curso; (c) curricular – estudar as delineações curriculares com ênfase na formação ética, construção histórica do currículo do curso de Psicologia e das diretrizes curriculares, entrevistando, se possível, os atores envolvidos (MEC, docentes, diretores e coordenadores do curso, Conselhos de Psicologia); (d) intercurso – comparar dois ou mais cursos em termos de formação ética, por exemplo, Filosofia e Psicologia, ou Psicologia e Medicina (ou outra área da saúde).

Referências

Andrade, A. N. & Morato, H. T. P. (2004). Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(2), 345-353.

Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bauman, Z. (1997). *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus.

Ferreira Neto, J. L. & Penna, L. M. D. (2006). Ética, clínica e diretrizes: a formação do psicólogo em tempos de avaliação de cursos. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 381-390.

Fontanella, B. J. B., Ricas, J. & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27.

Garrafa, V. & Prado, M. M. (2001). Mudanças na Declaração de Helsinki: fundamentalismo econômico, imperialismo ético e controle social. *Cadernos de Saúde Pública*, 17(6), 1489-1496.

Goergen, P. (2001). Educação moral: adestramento ou reflexão comunicativa?. *Educação & Sociedade*, 22(76), 147-174.

Goldim, J. R. (2009). Bioética e Psicologia: uma interface fundamental. Em Argimon, I. I. L., Gauer, G. J. C. & Oliveira, M. S. (Orgs.). *Bioética e Psicologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 11-16.

Ludwig, M. W. B., Redivo, L. B, Jorge, H. Z. & Müller, M. C. (2007). Psicoterapia e bioética: aproximando conceitos, aperfeiçoando práticas. *Psicologia em Estudo*, 12(3), 603-608

Medeiros, G. A. (2002) Por uma ética na saúde: algumas reflexões sobre a ética e o ser ético na atuação do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(1), 30-37.

Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec.

Minayo, M. C. S. (2017) Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), p. 1-12.

Passos, E. (2007). *Ética e psicologia: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Vetor.

Pelloso, R. G. & Ferraz, M. G. C. F. (2005). Ética e moral como modos de produção de subjetividade. *Trans/Form/Ação*, 28(2), 117-128.

Rego, S.; Palácios, M. & Schramm, F. R. (2004). Ensino da bioética nos cursos de graduação em saúde. Em Marins, J. J. N., Rego, S., Lampert, J.B. & Araújo, J.G.C. (Orgs.). *Educação Médica em transformação: instrumentos para a construção de novas realidades*. São Paulo: Hucitec, p. 165–185.

Ribeiro, R. J. (2008). Repensando a ética. *Discutindo Filosofia*, 3(12). Entrevista concedida a Daniel Biasetto.

Richardson, R. J. (2014). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas.

Romaro, R. A. (2006). *Ética na Psicologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

Sapienza, B. T. (2004). *Conversa sobre terapia*. São Paulo: EDUC/Paulus.

Toninato, M. A. D. & Rossi, L. A. S. (2005). Bioética: ação responsável com o futuro. *Iniciação Científica Cesumar*, 7(1), p. 79-91.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Fabio Araujo Dias – 70%

Sergio Rego – 30%